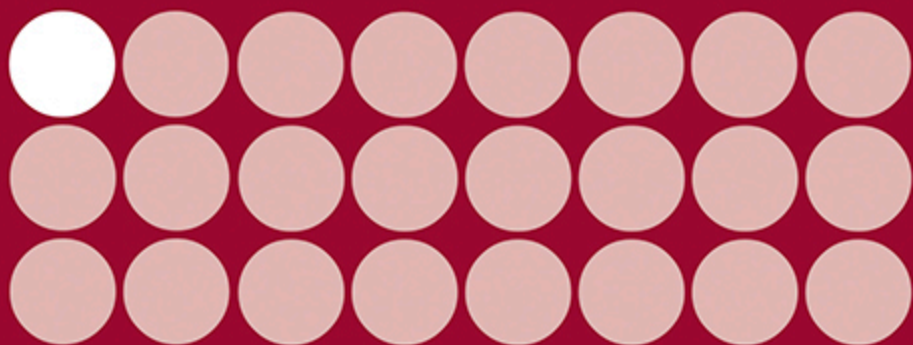


Gênesis

Introdução
e comentário

Derek Kidner



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

ÍNDICE

Prefácio Geral	5
Prefácio da Edição em Português	8
Prefácio do Autor	10
Abreviaturas Principais	11
Introdução	13
Matriz e Berço de Gênesis	
Data e Autoria do Livro	
Origens Humanas	
Teologia de Gênesis	
Análise	40
Comentário	41
Notas Adicionais	
Os Dias da Criação	51
O Pecado e o Sofrimento	68
Os Descendentes de Caim	74
Os Longevos Antediluvianos	76
O Dilúvio	88
O Pecado de Sodoma	126
O Capítulo 37	171
O Capítulo 39	178
O Capítulo 42	186

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegetica que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o V.T. deverá constar de 24 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção terá um excelente e profundo comentário sobre todo o V.T. Pretendemos assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto veterotestamentário, de fato, diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO DO AUTOR

Uma vez um crítico musical demoliu certo arranjo da grandiosa melodia de um hino, fazendo a observação de que empobrecia a imaculada harmonia e as precisas divisões da composição original, “como um Fusca perto de um Rolls-Royce”. Qualquer livro sobre Gênesis está fadado a provocar comparação semelhante (mesmo que os revisores teológicos se resistam a colocar tão ferinamente as coisas), e particularmente um comentário como este que, em mais de um sentido, é tão pequeno.

O que é quase igualmente inevitável é a ofensa que qualquer escritor que trate deste assunto corre o risco de fazer a muitos dos seus leitores num ponto ou noutro, ao discutir as imensas questões levantadas por Gênesis em cada página. Dificilmente pode haver outra parte da Escritura sobre a qual se tenham librado tantas batalhas teológicas, científicas, históricas e literárias, ou se tenham abrigado tão vigorosas opiniões. Este mesmo fato é sinal da grandeza e do poder do livro, e dos estreitos limites, quer do nosso conhecimento fatural, quer da nossa apreensão espiritual. Se se achar que as interpretações e discussões dadas aqui estão longe de infalíveis ou completas, ninguém está mais ciente disso do que o autor; são apresentadas, pois, com a esperança de que, mesmo quando forem intragáveis, provoquem o mais cerrado estudo do próprio texto inspirado.

Um prefácio dá oportunidade para agradecimentos, e me alegro em expressar gratidão, primeiro aos que me chamaram a atenção para bom número de questões arqueológicas e lingüísticas, principalmente ao professor D. J. Wiseman, Editor Geral da série, e ao Sr. A. R. Millard, bibliotecário da “Tyndale House”; também ao Rev. J. A. Motyer, cujo discernimento teológico fez dele, em vários pontos, “olhos para o cego”. O Dr. R. E. D. Clark foi bastante gentil para ler a parte do manuscrito referente à cosmologia, e para fazer valiosas críticas e sugestões. O auxílio prestado por todos eles reduziu, mas naturalmente não eliminou, os meus erros e omissões. Infelizmente, a obra, *Ancient Orient and Old Testament* — O Oriente Antigo e o Velho Testamento (Tyndale Press, 1966), foi publicada muito tardiamente para ser consultada em benefício deste comentário, mas é bom saber que a sua riqueza de informações sobre o mundo que forma o cenário de Gênesis está à disposição agora, para preencher (e sem dúvida corrigir) o quadro apenas ligeiramente esboçado no presente livro.

Finalmente, é uma satisfação agradecer aos editores o seu incentivo e a sua experiente perícia, e à Srta. J. M. Plumbridge, que decifrou e datilografou com extraordinário esmero e entusiasmo um manuscrito que está longe de ser fácil.

Oxalá se considere este comentário um servo tão fiel e correto como o mordomo de Abraão foi para com o seu senhor.

Derek Kidner

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

AA	Almeida Revista e Atualizada
AASOR	<i>Annual of the American Schools of Oriental Research.</i>
AN	<i>Abr Nahrain</i>
ANET	<i>Ancient Near Eastern Texts</i> ² por J. B. Pritchard, 1955.
ARI	<i>Archaeology and the Religion of Israel</i> ³ por W. F. Albright, 1953.
AV	English Authorized Version (King James).
BA	<i>Biblical Archaeologist.</i>
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research.</i>
BDB	<i>Hebrew-English Lexicon of the Old Testament</i> por Brown, Driver e Briggs, 1907.
Bennett	<i>Genesis</i> (Century Bible) por W. H. Bennett, c. 1900.
Bib.	<i>Biblica.</i>
Calvino	<i>Commentaries on the Five Books of Moses, Genesis</i> por J. Calvino
Cassuto	<i>Commentary on Genesis</i> , I, II, por U. Cassuto, 1961, 1964.
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly.</i>
Delitzsch	<i>New Commentary on Genesis</i> , I, II, por F. Delitzsch, 1888, 1889.
DOTT	<i>Documents from Old Testament Times</i> editado por D. W. Thomas, 1958.
Driver	<i>The Book of Genesis</i> ⁴⁵ por S. R. Driver, 1948.
ET	<i>Expository Times.</i>
FSAC	<i>From the Stone Age to Christianity</i> ² por W. F. Albright, 1957.
G-K	<i>Hebrew Grammar</i> ² por W. Gesenius, E. Kautzsch e A. E. Cowley, 1910.
HDB	<i>Hastings' Dictionary of the Bible.</i>
Hooke	<i>In the Beginning</i> (Clarendon Bible, VI) por S. H. Hooke, 1947.
HUCA	<i>Hebrew Union College Annual.</i>
IB	<i>The Interpreter's Bible</i> , I, 1952.
IBD	<i>The Interpreter's Bible Dictionary</i> , 1962.
ISBE	<i>International Standard Bible Encyclopaedia</i> , 1939.
JASA	<i>Journal of the American Scientific Affiliation.</i>
JBL	<i>Journal of Biblical Literature.</i>
JCS	<i>Journal of Cuneiform Studies.</i>

<i>JIAS</i>	<i>Journal of the Institute of Asian Studies.</i>
<i>JNES</i>	<i>Journal of Near Eastern Studies.</i>
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies.</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies.</i>
<i>JTVI</i>	<i>Journal of the Transactions of the Victoria Institute.</i>
K-B	<i>Lexicon in Veteris Testamenti Libros</i> por L. Koehler e W. Baumgartner, 1953.
LXX	Setuaginta (versão grega pré-cristã do Velho Testamento).
mg	margem
Moffatt	<i>A New Translation of the Bible</i> por James Moffatt, 1935.
<i>NCB</i>	<i>O Novo Comentário da Bíblia</i> editado por F. Davidson, A. M. Stibbs, E. F. Kevan, 1963.
<i>NDB</i>	<i>O Novo Dicionário da Bíblia</i> editado por J. D. Douglas <i>et al.</i> , 1966.
RSV	American Revised Standard Version, 1952.
RV	English Revised Version, 1881.
Simpson	C. A. Simpson (ver <i>IB</i>).
Skinner	<i>Genesis</i> ² (International Critical Commentary) por J. Skinner, 1930.
Speiser	<i>Genesis</i> (The Anchor Bible) por E. A. Speiser, 1964.
<i>TM</i>	Texto Massorético.
<i>UM</i>	<i>Ugaritic Manual</i> por C. H. Gordon, 1955.
<i>UT</i>	<i>Ugaritic Textbook</i> por C. H. Gordon, 1965.
Vergote	<i>Joseph en Égypte</i> por J. Vergote, 1959.
von Rad	<i>Genesis</i> (Old Testament Library) por G. von Rad, trad. ingl. 1961.
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum.</i>
Vulg.	Vulgata (tradução latina da Bíblia, por Jerônimo).
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal.</i>
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für alttestamentliche Wissenschaft.</i>

INTRODUÇÃO

I. Matriz e Berço de Gênesis

Das obras procedentes do antigo Oriente Próximo que conhecemos, nenhuma é, nem de longe, comparável, em escopo, ao livro de Gênesis, para não mencionar qualidades menos mensuráveis. Certos poemas épicos oriundos da Babilônia falam da criação; outros falam de um dilúvio. A versão mais completa que existe do Épico de Atrahasis, de mais de 1200 versos, liga os dois acontecimentos numa só história contínua¹ que nos dá uma espécie de paralelo de 1-8. Mas, ao terminarem esses poemas, Gênesis mal está começando. A narrativa deste começa num ponto bem anterior ao daqueles (visto que, neles, as águas, personificadas, são o princípio, e os deuses que as dominam são apenas seus produtos) e só termina quando a igreja do Velho Testamento já está firmemente alicerçada e quatro gerações de patriarcas tinham tido vida momentosa no cenário de duas civilizações diferentes.

O livro se desenrola em duas partes desiguais, a segunda das quais começa com o aparecimento de Abraão na junção dos capítulos 11 e 12. Os capítulos 1 a 11 descrevem duas progressões antagônicas: primeiro, a ordenada criação realizada por Deus, até o seu clímax no homem como ser responsável e abençoado; e depois a obra desintegradora do pecado, até o seu primeiro grande anticlímax no mundo corruído do dilúvio, e seu segundo anticlímax na loucura de Babel.

Com isto, no capítulo 12 a história geral do homem dá lugar à história germinal de “Abraão e sua semente”, em que a aliança já não é

¹ Sobre isto, ver A. R. Millard, “A New Babylonian ‘Genesis’ Story”, *Tyndale Bulletin*, 18, 1967. Quanto ao restante do material da criação babilônica, ver A. Heidel, *The Babylonian Genesis* (University of Chicago Press, Phoenix Edition, 1963), e quanto às narrativas do dilúvio, ver A. Heidel, *The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels 2* (University of Chicago Press, 1949).

GÊNESIS

um compromisso geral com a humanidade inteira, como no capítulo 9, mas se reduz a uma só família mediante a qual “serão benditas todas as famílias da terra” (12:3). Abraão, sem terras e sem filhos, é levado a aprender que a grande promessa, a estrela polar da sua vida, haverá de cumprir-se divina e miraculosamente, ou não se cumprirá de forma nenhuma. Neste contexto, a obstinada escolha que o seu sobrinho fez das cidades da planície, e suas próprias tentativas desesperadas para conseguir proteção e para ter família, contrastam com o frutífero procedimento da fé. A narrativa deixa claro que em Sodoma ou no Egito ou em Ismael não há futuro como na promessa de Canaã e de Isaque. Estas lições permanecem no restante do livro, quando os homens aceitam ou combatem a vontade de Deus pela escolha de Jacó em vez de Esaú na segunda geração, de José colocado acima de seus irmãos na terceira, e de Efraim acima de Manassés na quarta. Na parte final de Gênesis o povo escolhido começa a tomar forma, enquanto que seus primos e vizinhos estão estabelecidos em seus territórios e já têm seus padrões de vida. Mas nesse meio tempo ele imigra da terra prometida, e a história não pode acabar nesse ponto.

Portanto, o livro não perde no seu término nada do seu ímpeto. Os seus 50 capítulos são o ponto de partida para as coisas mais grandiosas do Livro de Êxodo — coisas essas que os acontecimentos finais de Gênesis exigem e que suas palavras de conclusão antecipam. É somente o primeiro dos “cinco quintos da lei”, como a lei mesma é a semente de uma colheita ainda maior. Um dos fatos impressionantes relacionados com o Velho Testamento, e, com Gênesis como parte deste, é esta arremetida rumo a uma consumação predita, mas, imprevisível em seus pormenores; que a cumpre sem destruí-la.

Na verdade, Gênesis está de várias maneiras quase que mais perto do Novo Testamento do que do Velho, e de alguns dos seus tópicos mal se ouve falar de novo até suas implicações surgirem plenamente nos evangelhos. A instituição do casamento, a queda do homem, a inveja de Caim, o juízo do dilúvio, a justiça imputada ao que crê, a rivalidade entre os filhos da promessa e da carne, a profanidade de Esaú, o povo de Deus em sua condição de peregrino, são todos eles temas predominantes no Novo Testamento. Finalmente, há a simetria com que algumas das cenas e figuras dos primeiros capítulos reaparecem no livro do Apocalipse, onde Babel (Babilônia) e “a antiga serpente... o sedutor de todo o mundo” são levados à ruína, e os remidos, conquanto sejam agora veteranos e não inocentes ainda não tentados, voltam a passear pelo paraíso, nas cercanias do rio e da árvore da vida.

II. Data e Autoria do Livro

a. *Indicações da Escritura.*

Embora o Novo Testamento fale do Pentateuco em geral como “Moisés” ou “livro” ou “lei” de Moisés, em parte alguma indica especificamente o livro de Gênesis com esses termos. Por seu turno, o Pentateuco fala da decisiva participação de Moisés em sua produção, desde os seus primeiros registros da maldição lançada sobre Amaleque (Êx 17:14) e do livro da aliança do Sinai (Êx 24:3-7), até à escrita e preservação de sua final exposição da lei (Dt 31:24-26). Sob Deus, o cerne e a substância dos livros de Êxodo e Deuteronômio são obra dele, bem como, sob Deus, os acontecimentos relatados constituem a história da sua vida.

Contudo, Moisés é sempre “ele”, nunca “eu”, nesses acontecimentos. Até mesmo o “registro dos itinerários” de Nm 33 está na terceira pessoa (isto é, foi escrito com base no registro feito por ele, não apenas inserido), e quando deveras fala na primeira pessoa, como em Deuteronômio, uma introdução e uma conclusão estruturam suas palavras e dão ao relato final o cunho de história, e não autobiografia. Nada aí corresponde às memórias de Neemias, desacompanhadas de introdução, nem às “passagens-nós” de Atos.

Ao atribuir o Pentateuco como um todo a Moisés, o Novo Testamento parece sugerir que em Gênesis há uma relação de semelhança entre o conteúdo substancial e a forma externa final, como sugere que há nos demais livros. Isto é, que o material é de Moisés, seja quem for o seu biógrafo e editor. Parece artificial, por exemplo, excluir Gênesis da expressão de nosso Senhor: “Moisés... escreveu a meu respeito” (Jo 5:46) e da exposição que fez no caminho de Emaús: “começando por Moisés” (Lc 24:27; cf. 44). Essa distinção jamais ocorreria a nenhum dos leitores originais dos evangelhos.

Este modo de considerar a relação entre Moisés e os livros que trazem seu nome parece concordar com algumas das pequenas pistas superficiais existentes em Gênesis. É preciso salientar, porém, que não são concludentes. Por um lado, por exemplo, 47:11 emprega os termos “terra de Ramessés” para indicar o território israelita, expressão que podia ter vindo de modo particularmente fácil a Moisés, se é que foi contemporâneo de Ramessés II. Por outro lado, 36:31, passagem que fala dos reis que reinavam em Edom “antes que houvesse rei sobre... Israel”, segundo qualquer forma normal de entendimento, atribui-se a si própria como sua data o tempo de Saul ou uma época posterior a ele. Contudo, esta lista de reis tanto podia ser um adendo para dar atualidade a um livro antigo, como podia indicar a data da sua composição.

GÊNESIS

Não há meio seguro de determinar isso. Outras frases de menor importância com possíveis dados sobre datas são **12:6** (cf. **13:7** “Nesse tempo os cananeus habitavam essa terra”, e **14:14** “até Dã” (cf. Jz 18:29). A primeira não é decisiva, visto que “nesse tempo” pode significar “nesse tempo, como agora” (cf. Js 14:11), ao passo que a outra, como **36:31**, citada acima, podia indicar ou o período do autor ou de algum escriba que substituiu um nome arcaico por outro de uso corrente.

Portanto, a evidência bíblica, no livro e fora dele, deixa aberta a questão se a inclusão de Gênesis entre os escritos de Moisés significa simplesmente que ele constitui o fundamento do Pentateuco ou que Moisés o escreveu pessoalmente. Mas talvez se possa acrescentar a esta altura que o livro mostra uma amplitude de concepção e um conjunto de erudição, maestria e discernimento psicológico e espiritual, que o tornam proeminente, por consenso comum, mesmo no Velho Testamento.

b. Crítica do Pentateuco.

Geralmente se defende a idéia de que Gênesis dá-nos muito mais pistas quanto à sua composição do que as poucas mencionadas acima. A primeira delas a atrair a atenção está na variação no uso de nomes divinos e nas aparentes repetições presentes nas narrativas. Em 1753 J. Astruc tentou, por estes meios, isolar diferentes documentos usados por Moisés, e no fim do século dezoito a figura de Moisés foi sendo retirada da vista dos investigadores para ser substituída por um redator anônimo. As passagens em que se emprega o termo Deus (Elohim) eram atribuídas ao “Elohista”, abreviado para E; outras que falam do Senhor (Jahweh, Yahweh) foram obra do “Yahwista”, J. Logo se decidiu que havia mais de um Elohistas, e a inicial P (fonte sacerdotal) eventualmente se aduzia a E e J para distinguir o primeiro do segundo Elohistas. Contudo, uma revolução de grande alcance teve lugar nas décadas de 1860 e 70, quando K. H. Graf, seguido por J. Wellhausen, elaborou argumentos em prol da inversão da seqüência cronológica PEJ para JEP — cuja inversão foi mais radical para o restante do Pentateuco do que para Gênesis, desde que colocou a lei levítica perto do fim em vez de perto do início da história de Israel. Quanto a Gênesis, significava que P, considerado como um escrito exílico ou pós-exílico, forneceu a estruturação final, entrelaçando sua própria versão dos acontecimentos com J na primeira parte do livro, e com J e E do capítulo 15 em diante.

Uma vez que se firmou esse método de estudo, outros sinais distintivos dos documentos foram registrados em grande número, e na segunda metade do século dezenove o Pentateuco estava tão rigorosamente

dissecado que não era raro encontrar um versículo dividido em parcelas atribuídas a duas ou mesmo três fontes, visto que se dizia que cada uma delas tem vocabulário, caráter e teologia que lhe são próprios. Havendo dois sinônimos válidos para o mesmo substantivo, verbo ou pronome, um deles podia ser virtualmente a impressão digital de J ou E, e o outro de P. No caso de genealogias ou datas, estas constituíam o especial interesse de P. Se a atenção se centraliza nas tribos do norte, provavelmente há de ter sido obra de E. Teologicamente, parecia que, em J, Deus fala diretamente com os homens, a Sua personalidade se evidencia fortemente. Em E, Suas mensagens tendem a vir por meio de sonhos ou de anjos que falam desde o céu. Em P, Ele é majestoso e distante, planejando o progresso dos acontecimentos no sentido do estabelecimento de um estado eclesiástico.

A presença de narrativas duplas ou compostas continua sendo o sustentáculo da teoria. Histórias declaradamente distintas foram tomadas como variantes dos mesmos acontecimentos, enquanto que narrativas únicas foram tão meticulosamente partidas e tão brilhantemente reconstituídas que se tornou lugar comum encontrar dois relatos onde antes só se mostrava um. Sob esses milagres de cirurgia, dificilmente faltaria a um Adão, por assim dizer, uma Eva, formada dos seus ossos, para contradizê-lo. Os exemplos clássicos dessa técnica são as análises das narrativas do dilúvio e de José, discutidas nas notas adicionais sobre os capítulos 8, 37 e 42.

Dáí por diante, o estudo do Pentateuco ramificou-se em várias direções, com crescente interesse nos últimos anos pela Crítica da Forma. Esta procura as unidades literárias subjacentes a uma obra coesa e tenta compreendê-las como produtos de vários tipos de situação. A conseqüente ênfase dada à vida da comunidade em que os escritos surgiram, modificou o conceito de JEP. Estes já não são retratados como produtos diretos, digamos, dos séculos nono, oitavo e sexto respectivamente, mas como coleções de elementos da tradição preservados e desenvolvidos em diferentes círculos israelitas através dos séculos, cada qual tendo o seu quinhão de materiais muito antigos.

Embora esta abordagem, entre outras, tenha rompido algo da rigidez da crítica precedente, de modo que A. Bentzen, para citar um, pôde declarar (os itálicos são dele): *Creio que devemos parar de falar em 'documentos'*,¹ as iniciais JEP ainda são predominantemente empregadas

¹ *Introduction to the Old Testament* 2 (Gad, Copenhagen, 1952) II, p. 31. Ver também C. R. North, em H. H. Rowley (ed.), *The Old Testament and Modern Study* (O.U.P., 1951), p. 48-83; e E. J. Young, *Introdução ao Antigo Testamento* (Edições Vida Nova, 1964), pp. 109-153.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.